



GUSTAVO CAPONI

**OS APONTAMENTOS DE GEORGES CANGUILHEM
SOBRE A NOÇÃO DARWINIANA DE MEIO**
(pp. 55-70)

DOI: <https://doi.org/10.36592/9786554602082-03>

IN

**NYTHAMAR DE OLIVEIRA
CAMILA BARBOSA
JAIR TAUCHEN
(EDS)**

***MICHEL FOUCAULT,
SUBJETIVAÇÃO E SEXUALIDADE***

**FUNDAÇÃO FÊNIX
PORTO ALEGRE
2024**

ISBN 978-65-5460-208-2

DOI: <https://doi.org/10.36592/9786554602082>



3. OS APONTAMENTOS DE GEORGES CANGUILHEM SOBRE A NOÇÃO DARWINIANA DE MEIO



<https://doi.org/10.36592/9786554602082-03>

Gustavo Caponi¹

O impacto da teoria darwiniana da evolução no desenvolvimento das ciências da vida é um fato não só evidente; mas também difícil de superdimensionar. Todavia, uma coisa é a Revolução Darwiniana e seu perdurável impacto no efetivo progresso das ciências da vida; e outra coisa é a cabal compreensão e reconstrução epistemológica dessa revolução. Essa tarefa, distinta do desenvolvimento efetivo da pesquisa científica, coube à Filosofia e à História da Biologia da segunda metade do Século XX; e ainda ocupa à Filosofia e à História da Biologia destas primeiras décadas do Século XXI². Entender o que foi a Revolução Darwiniana não é uma empresa menos vasta do que aquela que vem exigindo, também há décadas, a compreensão da Revolução Científica do Século XVII. Os estudos darwinianos, neste sentido, não são menos árduos, nem menos desafiantes, do que os estudos galileanos e newtonianos. E, no que tange ao estudo epistemológico de qualquer Revolução Científica, um dos desafios mais difíceis de superar é a correta individualização e compreensão desses modos de pensar que a revolução em análise deixou do lado do perimido.

Assim, se o que interessa é entender como opera esse modo de interrogar o ser vivo que foi instituído pela Revolução Darwiniana, e quais são seus pressupostos, devemos então fazer um esforço por entender como eram esses modos não darwinianos de pensar que precisaram ser superados e derogados para que, assim,

¹ CNPQ // DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

² Citar algumas obras representativas desses estudos sobre a Revolução Darwiniana é cometer a injustiça de não mencionar outras obras de igual importância. No entanto, permito-me cometer essa injustiça e mencionar algumas referências clássicas a ter em conta por todos aqueles que se queiram aventurar no estudo deste capítulo da História da Ciência: Gertrud Himmelfarb (1959); Camille Limoges (1970); Michael Ruse (1979); Don Ospovat (1981); Ernst Mayr (1991); Jean Gayon (1992); Peter Bowler (1996); e Niles Eldredge (2005). Admito, porém, que à omissão de muitas outras boas obras históricas sobre a Revolução Darwiniana, estou ainda acrescentando o descuido de não lembrar uma ampla literatura sobre a Filosofia da Biologia que certamente também contribuiu muito para a compreensão da Revolução Darwiniana.

esse novo modo de interrogar os seres vivos pudesse vir a se configurar e se impor. Mas isso, certamente, não é fácil. Uma vez consumada uma revolução científica, o novo se impõe como uma evidência, como um modo natural de pensar, que desvia e compromete nossa compreensão do passado; e isso impede individualizar as clivagens teóricas que a revolução foi gerando. Em geral, a recorrente figura do precursor (cf. Canguilhem, 1983a, p. 21), sempre muito frequente no que tange ao caso de Darwin, não é outra coisa do que uma miragem motivada por essa dificuldade que só uma reflexão epistemológica detida e alerta pode evitar. E é em virtude disso que quero resgatar o valor de uma importante contribuição ao desenvolvimento dos estudos darwinianos que Georges Canguilhem (1965a) fez em "Le vivant et son milieu": um dos trabalhos que compõem *La Connaissance de la Vie* (Canguilhem, 1965b). Trata-se de uma contribuição pontual, sim, mas também muito relevante, que alude à novidade envolvida no modo darwiniano de entender o ambiente biológico.

Aqui, porém, eu não terei de me deter muito no resultado e nos fundamentos das conclusões às que corretamente chegou Canguilhem; coisa que já fiz, e com maior detalhe, em trabalhos prévios (Caponi: 2006; 2011; 2022). Nestas páginas eu procurarei explicitar a estratégia de argumentação que Canguilhem seguiu na sua indagação sobre o assunto, e que lhe permitiram formular essas precisões das que estou falando. Minha reflexão não aponta, portanto, à compreensão da contribuição que Darwin efetivamente fez com relação à noção de ambiente; senão que está orientada a examinar e a explicar o modo em que Canguilhem abordou a questão. Vai me interessar mostrar, sobretudo, que essa abordagem é um exemplo claro daquilo que, depois, Michel Foucault (1994[1971], p. 141) caracterizaria como uma análise genealógica: uma análise que rastreia as diferentes forças que, ao longo da sua história, vão apropriando-se de uma estrutura, a carregando de sentidos que se sobrepõem e alteram, e a submetendo a diferentes usos ou projetos. No caso que aqui nos ocupa, essa estrutura é um conceito; mas já veremos que a mesma estratégia de análise é aplicável a outros tipos de entidades.

Uma perspectiva diferenciada

Entre 1946 e 1947, Georges Canguilhem ditou três conferências no *Collège Philosophique*³ cujas versões escritas deram lugar a três dos textos que, em 1952, integraram a primeira edição de *La connaissance de la vie* (Canguilhem, 1965b)⁴; e um desses escritos foi “Le vivant et son milieu” (Canguilhem, 1965a): o trabalho no qual, conforme acabo de dizer, Canguilhem assinala a novidade implicada no modo darwiniano de entender o ambiente⁵. E, no que tange à história dos estudos darwinianos, essas precisões cronológicas não deixam de ser relevantes. Nos finais da década de 1940, e até os finais da década de 1950, quando Gertrude Himmelfarb (1959) publicou *Darwin and the Darwinian Revolution*, era muito pouco o já feito com vistas a uma compreensão precisa das inflexões teóricas que tinham permitido a articulação da teoria darwiniana; e não deixa de surpreender que Canguilhem, cujas indagações epistemológicas não tinham à teoria da evolução como tema central, haja mostrado uma singular sagacidade no que diz respeito a uma questão muito crucial mas também muito específica.

Pode pensar-se, porém, que foi justamente essa condição a que facilitou a percepção da importância desse aspecto tão significativo da argumentação darwiniana. O foco dos estudos do Canguilhem sempre esteve no saber médico e nas disciplinas científicas com as que esse saber está mais estreitamente vinculado. Apelando para a dicotomia entre Biologia Funcional e Biologia Evolutiva, conforme ela foi apresentada por Ernst Mayr (1961), pode-se dizer que os interesses de Canguilhem sempre se orientaram para o primeiro desses domínios⁶; e, aí, o conceito

³ Fundado em 1946 por Jean Wahl, e situado na rue Cujas, no Quartier Latin de Paris, o *Collège Philosophique* era uma associação independente da Sorbonne, perante qual se posicionava como um espaço alternativo (cf. Greco, 1947, p. 81).

⁴ Canguilhem (1965c, p. 8) assinala isso na “Advertência da primeira edição” de *La connaissance de la vie*, que foi publicada em 1952. No entanto, aqui haveremos de referirmos sempre à segunda edição da antologia, que foi lançada em 1965 (Canguilhem, 1965b). Nesta última, aos textos da primeira edição, que se mantiveram inalterados, Canguilhem (1965d, p. 7) acrescentou o ensaio “La monstruosité et le monstrueux” (Canguilhem, 1965e).

⁵ Os outros dois textos, como Canguilhem (1965c, p. 8) também assinala na sua “Advertência da primeira edição”, são “Aspects du vitalisme” (Canguilhem, 1965f) e “Machine et organisme” (Canguilhem, 1965g).

⁶ Isso pode ser corroborado considerando os temas que ocupam a maior parte das páginas de *La connaissance de la vie* (Canguilhem, 1965b), mas também dos outros livros de Canguilhem: *La formation du concept de réflexe aux XVIIe et XVIIIe siècles* (Canguilhem, 1955); *Le normal et le*

de meio tende a restringir-se a um conjunto de variáveis físico-químicas capazes de desencadear reações fisiológicas e bioquímicas nas estruturas do organismo afetado. O contraste disso com a concepção darwiniana de ambiente, é certamente muito marcado; e isso pôde ter alertado a Canguilhem sobre a novidade que a esse respeito Darwin tinha trazido.

Estando sua análise solidamente alicerçada no conhecimento da história da Fisiologia, Canguilhem pôde ver, com clareza até ele inédita, que, ao colocar no centro de suas preocupações às complexas e insidiosas relações que os seres vivos guardam entre si, Darwin estava deslocando um modo muito limitado de considerar o entorno dos seres vivos que tinha imperado na História Natural anterior a 1859 (cf. Caponi, 2006). Aí, esse entorno era pensado como meio físico, ou como clima; mas nualmente, ou muito escassamente, como ambiente biológico. Não se trata de dizer, é obvio, que outros historiadores não tivessem percebido a importância que o ambiente biológico tinha na teoria darwiniana. Isso é uma obviedade que a ninguém podia, e a ninguém pode, passar despercebida. Do que se trata, é do reconhecimento de que aí havia uma importante novidade que foi crucial para o raciocínio de Darwin; e acredito que Canguilhem soube conceder a esse fato a sua devida relevância para a história epistemológica da teoria evolutiva. Ele nos permitiu ver que, antes de Darwin, a rede de relações bióticas na que está inserido cada ser vivo, era algo ao qual nunca se tinha concedido a importância que hoje, pensando darwinianamente, concedemos (Caponi, 2022).

Entretanto, o modo darwiniano de entender o ambiente já se nos impôs como uma evidência que não deixa ver a novidade nele implicada. Chega a parecer que o meio ambiente nunca poderia ter sido pensado de outra maneira; e isso não só pode impedir valorar a importância da mudança que a esse respeito trouxe Darwin, mas também pode obstaculizar a compreensão dessas formas prévias de pensar o meio que a perspectiva darwiniana deixou obsoletas. Com a prepotência inadvertida das evidências, o presente da ciência deforma e desvia nossa compreensão de seu

pathologique (Canguilhem, 1972); *Études d'histoire et de philosophie des sciences* (Canguilhem, 1983b); e *Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie* (Canguilhem, 1988). Uma exceção seria *Du développement à l'évolution au XIXe siècle* (Canguilhem et al, 1962), que Canguilhem publicou em colaboração com Georges Lappasade, Jacques Piquemal e Jacques Ulmann. Este texto, aliás, insiste na peculiaridade da noção darwiniana de meio (Canguilhem et al, 1962, p. 31).

passado. E é isso mesmo o que também impede valorizar a reflexão epistemológica que nos permite ver a ruptura, ou a novidade teórica, efetivamente acontecida. Quer dizer, ao não se enxergar devidamente a novidade teórica aí envolvida, também se desconhece o valor da contribuição metateórica que permite identificar essa novidade. E acredito que isso pode acontecer com os pertinentes apontamentos que Canguilhem fez com relação à história da noção de meio⁷.

A genealogia dos conceitos

*Now it's the same old song
But with a different meaning
since you been gone*⁸

Todavia, além do fato da análise de Canguilhem ter estado instruída pela familiaridade que ele tinha com as ciências biomédicas, eu acredito que há ainda outro elemento que também desempenha um papel importante aqui e que merece toda nossa atenção: o modo em que ele entendeu e praticou a história dos conceitos (López-Beltrán, 2004. p. 33). Canguilhem sempre pautou suas análises em virtude do fato de ele ter reconhecido que os conceitos têm uma identidade independente das teorias dentro das quais eles podem estar operando num momento e num contexto determinado. As teorias, indubitavelmente, cooptam os conceitos e ressignificam seu conteúdo ao fazê-los funcionar dentro de um novo referencial. Mas isso não significa que os conceitos sejam meras palavras cujo significado só depende do contexto no qual eles funcionam. Eles não se prestam passivamente aos usos dos que podem ser objeto. Os conceitos arrastam as marcas da sua história; e, se queremos entender como ocorreram suas múltiplas apropriações por diferentes

⁷ Sem qualquer pretensão de originalidade, e sem acreditar que estou a fazer uma grande revelação, parece-me oportuno lembrar que este tipo de apreciação limitada do presente da ciência também pode ter consequências no ensino: considerar que algo é óbvio, e que só pode ser pensado de uma única forma, é certamente um erro que conspirará contra uma transposição didática eficaz de qualquer conteúdo. Felizmente, os estudos histórico-epistemológicos podem sempre alertar-nos para estas pseudo-evidências, dando-nos a conhecer outras formas de pensar que foram banidas ou marginalizadas pela própria evolução do conhecimento científico. Há que entender, porém, que esse recurso à história não deve estar motivado pelo intuito pueril de procurar uma 'sabedoria injustamente esquecida', mas só deve almejar a posta em evidencia dos obstáculos epistemológicos que a ciência teve que superar no seu progresso.

⁸ Estribilho de 'It's the same old song', escrita por Brian Holland, Lamoni Dozier e Edward Holland em 1965 e lançada esse mesmo ano na Motown pelos Four Tops.

teorias, temos que considerar essa história e essas marcas (Canguilhem, 1955, p. 6). Coisa que, por outro lado, não somente ocorre com todos os objetos, simbólicos ou materiais, produzidos pela atividade humana ou sujeitos às contingências dessa atividade; senão que também acontece com os produtos da evolução biológica.

Uma faca pode ser uma arma ou um abridor de envelopes, dependendo do projeto de uso ao que a submetamos. E o mesmo pode ocorrer com um edifício que, ao longo da sua história, vai mudando de funções. Tal o caso do claustro de São Agustín que forma parte do rico patrimônio arquitetônico da cidade colombiana da Tunja (cf. Mateus, 1995). Esta construção foi um convento entre 1603 e 1822, quando se transformou no Colégio de Boyacá e mais tarde num hospital de caridade que aí funcionou até 1862. Nesse momento, o edifício passou a ser um presídio, conhecido como “o panóptico de Tunja”, que perdurou até 1966. Nesse ano ele ficou abandonado, e certamente liberado aos diversos usos que as construções desocupadas costumam ter; até que, em 1979, iniciaram-se obras de restauração que permitiram transformá-lo em uma biblioteca pública (Mateus, 1995). Mas, o que vale para os edifícios vale também para as instituições que eles podem albergar. Tal o caso do hospital que, para fins do Século XVIII e como Foucault (1994[1978], p. 511) soube mostrar, deixou de ser um abrigo para pobres e necessitados em geral (Agrimi & Crisciani, 1995 p. 162), passando a ser uma instituição destinada ao exercício da medicina (Foucault, 1994[1978], p. 512). E o que acontece com as instituições também costuma acontecer com os conceitos.

No final das contas, conforme o sublinhou Stephen Toulmin (1972, p. 166), “todo conceito é uma micro-instituição intelectual”: uma pauta que rege os procedimentos e os modos de pensar de uma comunidade no que respeita a certas práticas. Assim, da mesma forma em que a história do hospital é a história de suas submissões a diferentes projetos de gestão, a história de um conceito é a história de suas apropriações teóricas. Por outro lado, se cabe falar que os conceitos são micro-instituições; também pode caber considerar que instituições como hospitais e prisões são, em algum sentido, sistemas de conceitos. O que nos põe perante a possibilidade das tratarmos como assunto de uma História Epistemológica do tipo que Foucault desenvolveu em obras como *Surveiller et punir* (Foucault, 1975) ou *Le pouvoir psychiatrique* (Foucault, 2003). No caso das instituições, porém, as

estratégias de gestão que as regem podem ser mais relevantes para a análise da sua configuração do que os referenciais teóricos que ali também entram em jogo e que também deverão ser consideradas.

Explicando a Nietzsche, Gilles Deleuze (1962, p. 4) assinalou que “a história de uma coisa é a sucessão das forças que se apoderam dela, e da coexistência das forças que lutam para consegui-lo. Um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido segundo a força que se apropria dele”. E isso, conforme digo, vale para uma faca e para um conceito. Mas também se cumpre no caso das estruturas biológicas: como Darwin (1859, p. 454; 1877, p. 283) permitiu-nos entender, a história evolutiva de uma estrutura biológica, seja ela o membro vertebrado ou a articulação de elementos que, em algumas espécies, configuram um olho, é, em grande medida, a história das mudanças de funções aos que essa estrutura ficou sujeita no decorrer da sua evolução e que a submeteram a diferentes pressões seletivas, muitas vezes divergentes e até opostas, que a foram modificando em virtude de distintos requerimentos funcionais (Dörhn, 1875; Jacob, 1977; Gould & Vrba, 1982; Caponi, 2009). Coisa que pôde não ocorrer com a faca, mas que certamente aconteceu com o claustro de São Agustín de Tunja (Mateus, 1995), ou com o *Hôtel-Dieu* de Paris (Morales & García-Berrocal, 2013). E no que tange a estes casos, assim como no caso das estruturas biológicas, é importante não ignorar que a história dessas vicissitudes seria ininteligível sem considerarmos que aí há uma mesma entidade que permanece, não obstante suas modificações de forma e função.

As coisas se dobram às forças que sobre elas operam, mas não o fazem sem oferecer resistência, sem impor limitações e restrições a suas possíveis mudanças de funções ou de significados. Por isso, o que resulta desse jogo de forças é sempre uma negociação entre a estrutura, que permanece, e as funções ou sentidos, sempre variáveis, que se apropriam dela. Nessas apropriações, e nas suas possíveis modificações, a estrutura herdada perdura e sempre tem um peso; que é o peso da história (Gould, 1983). Os conceitos, por exemplo, podem submeter-se a distintos referenciais teóricos. Contudo, na medida em que esses referenciais não existiriam sem os conceitos que os compõem, esses conceitos, forçosamente, também definem a configuração dos referenciais nos que eles estão integrados, lhes dando conteúdo, mas também impondo restrições. Estas últimas, claro, podem vir a ser

superadas, ou minquadas; mas isso supõe tensões e negociações que uma história epistemológica não pode ignorar e que ela deve analisar minuciosamente. Que foi o que Canguilhem fez com o conceito de reflexo em *La formation du concept de réflexe aux XVIIe et XVIIIe siècles* (Canguilhem, 1955), com o conceito do normal em *Le normal et le pathologique* (Canguilhem, 1972), e também com o conceito de meio em "Le vivant et son milieu" (Canguilhem, 1965a).

Uma dupla filiação

Nesse último trabalho, Canguilhem vai procurar o lugar no qual o conceito de *meio* ingressa na história da ciência, para, a partir daí, identificar os usos aos que essa noção foi prestando-se em virtude dos papéis explicativos que lhe foram atribuindo e dos referenciais teóricos aos que ela foi ficando sujeita. Pode resultar estranho, todavia, que, na sua indagação, Canguilhem (1965a, p. 129) vá além dos limites das ciências da vida e se remonte até a Mecânica. Poder-se-ia pensar, com efeito, que isso é ir longe demais; confundindo a história da palavra com a história do conceito. Sabendo que os físicos franceses do Século XVIII usaram, sim, a palavra 'milleu' para referir-se ao que Newton (1845[1726], p. lxviii) chamava 'fluido' (*fluid*)⁹, caberia ainda questionar a relevância que essa referência de Canguilhem (1965a, p. 130) teria para a compreensão dos modos nos que o conceito de 'médio' foi operando dentro das ciências da vida. O fato, porém, é que a análise de Canguilhem mostra que aí há uma conexão significativa e duradoura; e para ver isso pode ser útil nos remetermos à entrada da *Encyclopédie*, "Milieu" (D'Alembert, 1765, p. 509), a qual ele, pertinentemente, alude (Canguilhem, 1965a, p. 129).

D'Alembert, (1765, p. 509) diz aí que, "na filosofia mecânica", a expressão 'meio' designa "um espaço material através do qual passa um corpo em seu movimento, ou em geral, o espaço material no qual um corpo está localizado, seja que ele se mova ou não". O ar, por exemplo, "é um meio no qual os corpos se movem quando estão próximos da superfície da terra" (D'Alembert, 1765, p. 509); enquanto que a água "é o meio dentro do qual os peixes vivem e se movem" (D'Alembert, 1765,

⁹ Para Newton (1845 [1726], p. 293), um fluido é "qualquer corpo cujas partes cedem a qualquer força que lhe seja aplicada".

p. 509). Assim, embora aí não há nenhuma referência a nada semelhante com reações ou funções biológicas, como a respiração ou como a locomoção, o fato é que grande parte do que se indaga na Fisiologia tem a ver com o modo em que os estados desses meios, ou fluídos circundantes, incidem nos processos orgânicos. Isso se vê claramente em Xavier Bichat (1994[1800], p. 57). Para ele, a vida era a resistência que o ser vivo opunha aos efeitos ameaçadores do meio inorgânico circundante (Bichat, 1994[1800], p. 59). "Tal é, com efeito, o modo de existência dos corpos vivos", segundo Bichat (1994[1800], 58) o entendia: "tudo o que os rodeia tende a destruí-los" (cf. Canguilhem, 1965a, p. 136). Mas deve ficar claro que isso não tem nada a ver com a luta pela existência darwiniana. Esse entorno ao que alude Bichat está composto pelos corpos inorgânicos que atuam sem cessar sobre os seres vivos, ameaçando com sua desagregação (Caponi, 2018, p. 51).

Essa mesma visão a encontramos em Georges Cuvier (1805, p. 2-3). Como o assinalou Michel Foucault (1970, p. 67-68), as condições de existência de um ser vivo, segundo Cuvier (1817, p. 6) as entendia, estavam definidas por dois grupos de fatores: "de um lado, o conjunto de correlações que são fisiologicamente compatíveis umas com as outras; e de, o outro lado, o meio no qual esse ser vivo subsiste, quer dizer, a natureza das moléculas que ele terá que assimilar, seja pela respiração, seja pela alimentação" (cf. Caponi, 2008a, p. 42-43). Quer dizer, esse meio ao que alude Cuvier é pensado de uma maneira que está muito perto daquilo que Claude Bernard (1984 [1865], p. 99) entenderia por 'meio cósmico', e que estava definido por variáveis físico-químicas (Caponi, 2018, p. 81); e isso tampouco tem a ver com as contingências dessa luta pela existência, marcada basicamente pela luta com outros seres vivos, que Darwin instalou no centro das preocupações da História Natural (Russell, 1916, p. 34; Caponi, 2008a, p. 44). E o mesmo se pode dizer com relação à noção de meio aludida por Auguste Comte (1838, p. 225) no terceiro tomo do seu *Cours de Philosophie Positive* (Canguilhem, 1965a, p. 133). Doutro lado, quando Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1833) falava do "grau de influência do mundo ambiente" na modificação das "formas animais", mas virtualmente reduzia essa influência à intervenção, violenta e decisiva, que ali podiam ter as mudanças nos "meios", ou "fluídos", "respiratórios" (Geoffroy Saint-Hilaire, 1833, p. 79), seu modo

de pensar também parecia alinhado com esse entendimento do entorno dos seres vivos referido por Comte ou Cuvier (cf. Caponi, 2008b).

Contudo, se deixarmos de pensar em Bichat, Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire, Comte e Claude Bernard, e nas linhas de desenvolvimento das ciências da vida nas que eles trabalharam, e em lugar disso consideramos as indagações de outros naturalistas como Buffon, Lamarck ou Humboldt, vemos que aí se insinua uma segunda linha de filiação que também é importante na articulação da noção de meio (Canguilhem, 1965a, p. 132). Ela vem de muito longe: sua origem se remonta ao tratado do Hipócrates (2005), *Sobre os ares, as águas e os lugares*, que foi escrito nos finais do Século V antes da era comum (Rullière, 1981, p. 59; Nutton, 1996, p. 56). Com efeito, o ponto de arranque dessa segunda linha de filiação do conceito biológico de meio pode ser situado nas teses hipocráticas sobre o influxo do solo e dos fatores climáticos, mas também dos costumes, sobre a saúde (Cairus, 2005, p. 93).

No século XVIII, essas ideias foram retomadas, e generalizadas, por Montesquieu (1748); que apelou a elas para explicar, não já doenças, mas sim a idiossincrasia completa de um povo e as formas de organização política daí derivadas (Canguilhem, 1965a, p. 132). E é esse mesmo influxo do clima, do solo, e da alimentação que Buffon (1761, p. 106-107; 1766, p. 335-336) institui como fator crucial das suas teses sobre a distribuição e a configuração dos animais (Caponi, 2010, p. 57-58). Quer dizer, o que surge como uma explicação da origem das doenças, vira uma apreciação geral sobre a relação entre geografia e civilização, para finalmente transformar-se numa chave decisiva no desenvolvimento da História Natural dos seres vivos. Assim, à concepção física do meio, se sobrepõe uma concepção originalmente antropogeográfica (Canguilhem, 1965a, p. 132) que, em casos como os de Lamarck (1994[1809], p. 219) e Humboldt (1805, p. 14) ficará totalmente entrelaçada com a primeira. E cabe falar que esse entrelaçamento define os limites da noção de meio contra a qual Darwin (1859, P. 132) volta-se em virtude de exigências de sua própria teoria, mas atendendo também a uma copiosa evidência empírica até aí mal considerada. Darwin (1859, p. 175), com efeito, é levado a afirmar que, para entender a distribuição geográfica e a configuração morfológica dos seres vivos, é imprescindível considerar as insidiosas relações biológicas que animais e

plantas guardam entre si (Caponi, 2022). As variáveis físicas e climáticas não alcançavam para explicar esses fenômenos; e era necessário indagar essas relações bióticas que, como Lyell (1832, p. 140-141) tinha apenas sugerido (Caponi, 2022, p. 31), definem as condições de existência das diferentes espécies (Caponi, 2022, p. 22).

Conclusão

Na visão de Darwin, como Canguilhem (1965a, p. 137) soube sublinhá-lo, "a relação biológica fundamental [...] é uma relação do ser vivo com outros seres vivos" que é mais importante do que "a relação entre o ser vivo e um meio concebido como conjunto de forças físicas". Nessa perspectiva, conforme lemos em *Du développement à l'évolution aux XI^e siècle* (Canguilhem et al, 1962, p. 31), "o essencial não é quase nunca o meio físico e nem sequer o meio alimentar": o crucial é, pelo geral, "a proximidade de concorrentes e agressores". Por isso, para Darwin, conforme Canguilhem (1965a, p. 137) também sublinha, "o primeiro ambiente no qual vive um organismo é um entorno de seres vivos que são seus inimigos ou seus aliados, suas presas ou seus predadores"; e é dessas relações que resulta essa luta pela existência cujo efeito mais importante é a seleção natural. Canguilhem não explorou, entretanto, a filiação dessa tese darwiniana na qual o meio já não aparece como um mero fator perturbador ou limitador do vivente, mas sim como um agente organizador e até otimizador dos seres vivos. Contudo, atendendo ao feito por Camile Limoges (1970), *por sinal* discípulo de Canguilhem, pode-se vincular essa inovação darwiniana com uma inversão da ideia linneana de economia natural que não parece alheia ao modo não-providencialista no qual Adam Smith (1952[1776]) pensou o funcionamento da economia social (ver também: Limoges, 1972, p. 18).

No final das contas, o que Canguilhem mostrou é que as filiações de nossos conceitos podem ser muito heterogêneas e alheias aos domínios nos que esses conceitos, depois de sucessivas apropriações, acabam operando. É mérito dele, ademais, que nós possamos perguntar por essa terceira vertente que estaria envolvida na configuração da noção darwiniana de meio; e também é mérito dele que possamos nos atrever a sugerir alguma resposta para essa questão. Por outro lado,

e independentemente de como consideremos que deva completar-se o traçado da genealogia da noção darwiniana de meio, do que sim podemos estar seguros é que essa genealogia nunca será uma história lineal pautada por sucessivos aprimoramentos de um conceito cujo significado venha a ser mais amplo ou mais preciso. Essa história sempre será uma história de múltiplas apropriações teóricas resultantes em subsecivas mudanças de usos e significados que irão modificando o tipo de lucro cognitivo que esse conceito pode vir a dar. Da mesma forma em que a história do olho não é a história da visão, mas sim a história de uma configuração de elementos que ao longo da evolução foi desempenhando, e ainda desempenha (em muitas linhagens) funções muito diferentes da visão; a história do hospital não é história da clínica. E assim também acontece com a história do conceito de meio: ela não foi um processo pautado pelo esforço de compreender isso que Darwin, com toda pertinência, tentou compreender ao considerar o entorno dos seres vivos; ela é uma história marcada pela submissão dessa noção a diferentes usos e projetos teóricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRIMI, Jole & CRISCIANI, Chiara. Charité et assistance dans la civilisation chrétienne médiévale. Pp. 151-174, in: GRMEK, Mirko (ed.). *Historie de la pensée médicale en Occident*, Tome 1: *antiquité et moyen âge*. Paris: Seuil, 1995.

BELTRÁN-LÓPEZ, Carlos. *El sesgo hereditario: ámbitos históricos del concepto de herencia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

BERNARD, Claude. *Introduction a l'étude de la Médecine Expérimentale* [1865]. Paris: Flammarion, 1984.

BICHAT, Xavier. Recherches physiologiques sur la vie et la mort (première partie) [1800]. Pp. 55-209, in: BICHAT, Xavier. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort et autres textes*. Paris: Flammarion, 1994.

BOWLER, Peter. *Life's splendid drama: Evolutionary Biology and the reconstruction of life ancestry*. Chicago: Chicago University Press, 1996.

BUFFON, Georges. *Histoire Naturelle Générale et Particulière*, tome 9. Paris: L'Imprimerie Royale, 1761.

BUFFON, Georges. *Histoire Naturelle Générale et Particulière*, tome 14. Paris: L'Imprimerie Royale, 1766.

CAIRUS, Henrique. Apresentação de Ares, águas e lugares. Pp. 91-94, in: CAIRUS, Henrique & RIBEIRO, Wilson (eds.). *Textos hipocráticos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CANGUILHEM, Georges. *La formation du concept de réflexe aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

CANGUILHEM, Georges. Le vivant e son milieu [1952]. Pp. 129-154, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965a.

CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965b.

CANGUILHEM, Georges. Avertissement a la première édition [1952]. P. 8, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965c.

CANGUILHEM, Georges. Avertissement a la seconde édition [1965]. P. 7, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965d.

CANGUILHEM, Georges. La monstruosité et le monstrueux. Pp. 171-184, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965e.

CANGUILHEM, Georges. Aspects du vitalisme. Pp. 83-100, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965f.

CANGUILHEM, Georges. Machine et organisme. Pp. 101-128, in: CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1965g.

CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

CANGUILHEM, Georges. L'objet de l'histoire des sciences. Pp. 9-23, in: CANGUILHEM, Georges. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1983a.

CANGUILHEM, Georges. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1983b.

CANGUILHEM, Georges. *Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*. Paris: Vrin, 1988.

CANGUILHEM, Georges; LAPASSADE, Georges; PIQUEMAL, Jacques; ULMAN, Jacques. *Du développement à l'évolution au XIXe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

CAPONI, Gustavo. El viviente y su medio: antes y después de Darwin. *Scientiae Studia* 4 (1): 9-43, 2006.

CAPONI, Gustavo. *Georges Cuvier, un fisiólogo de museo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2008a.

CAPONI, Gustavo. La función del principio de la compensación de los órganos en el transformismo de Etienne Geoffroy Saint-Hilaire. *Scientiae Studia* 6 (2): 169-178, 2008b.

CAPONI, Gustavo. Historia del ojo: Nietzsche para darwinianos; Darwin para nietzscheanos. *Temas & Matizes* 15: 10-26, 2009.

CAPONI, Gustavo. *Buffon*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010.

CAPONI, Gustavo. *La segunda agenda darwiniana: contribución preliminar a una historia del programa adaptacionista*. México: Centro Lombardo Toledano, 2011.

CAPONI, Gustavo. *Determinismo y organización: fundamentos y límites del programa de Claude Bernard*. Bogotá: Universidad El Bosque & Universidad Nacional de Colombia, 2018.

CAPONI, Gustavo. The Darwinian turn in the understanding of biological environment. *Biological Theory* 17: 20-35, 2022.

COMTE, Auguste. *Cours de Philosophie Positive*, tome 3. Paris: Bachelier, 1838.

CUVIER, Georges. *Leçons d'Anatomie Comparée*, tome 1. Paris: Baudouin, 1805.

CUVIER, Georges. *Le Règne animal*, tome 1. Paris: Baudouin, 1817.

D'ALEMBERT, Jean: Milieu. In: DIDEROT, Denis & D'ALEMBERT, Jean (eds.). *Encyclopédie*, tome 2 (MAM-MY). Neufchâtel: Samuel Faulche, p. 509, 1765.

DARWIN, Charles. *On the origin of species*. London: Murray, 1859.

DARWIN, Charles. *The various contrivances by which orchids are fertilized by insects*. London: Murray, 1877.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

DÖHRN, Felix. *Der Ursprung der Wirbeltiere und das Princip des Funktionswechsels*. Leipzig: Engelmann.

ELDREDGE, Niles. *Darwin*. New York: Norton, 2005.

FOUCAULT, Michel. La situation de Cuvier dans l'Histoire de la Biologie. *Revue d'Histoire des Sciences et leurs applications* 23 (1): 70-91, 1970

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l'histoire [1971]. Pp. 136-156, in: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*, tome 2: 1970-1975. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. L'incorporation de l'hôpital dans la technologie moderne [1978]. Pp. 508-521, in: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*, tome 3: 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Le pouvoir psychiatrique: cours au Collège de France, 1973-1974*. Paris: Gallimard-Seuil, 2003.

GAYON, Jean. *Darwin et l'après-Darwin*. Paris: Kimé, 1992.

GEOFFROY SAINT-HILAIRE, Étienne. Le degré d'influence du monde ambiant pour modifier les formes animales. *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences de l'Institut de France* 12 : 63-92, 1833.

GOULD, Stephen. Senseless signs of history. Pp. 26-31, in: GOULD, Stephen. *The panda's thumb*. London: Penguin, 1983.

GOULD, Stephen & VRBA, Elisabeth. Exaptation, a missing term in the science of form. *Paleobiology* 8(1): 4-15, 1982.

GRECO, Pierre: Chronique du Collège Philosophique. *Les Études philosophiques* (Nouvelle Série) 2 (1): 81-83, 1947.

HIMMELFARB, Gertrud. *Darwin and the Darwinian Revolution*. New York: Double Day, 1959.

HIPÓCRATES. Ares, águas e lugares (tradução de Henrique Cairus). Pp. 94-112, in: CAIRUS, Henrique & RIBEIRO, Wilson (eds.). *Textos hipocráticos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

HUMBOLDT, Alexander. Essai sur la Géographie de Plantes. Pp. 13-35, in: HUMBOLDT, Alexander & BONPLAND, Aimé. *Voyage de Humboldt et Bonpland*, tome 15. Paris: Levrault & Schoell, 1805.

JACOB, François. Evolution and tinkering. *Science* (New Series) 196 (4295): 1161-1166.

LAMARCK, Jean. *Philosophie Zoologique* [1809]. Paris: Flammarion, 1994.

LIMOGES, Camille. *La sélection naturelle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

LIMOGES, Camille. Introduction. Pp. 7-22, in: LINNÉ, Charles. *L'équilibre de la nature*. Paris: Vrin, 1972.

LYELL, Charles. *Principles of Geology*, volume 2. London: Murray, 1832.

MATEUS, Gustavo 1995. *Tunja: guía histórica del arte y la arquitectura*. Tunja: Academia Boyacense de Historia.

MAYR, Ernst. Cause and effect in Biology. *Science* 134: 1501-1506, 1961.

MAYR, Ernst. *One long argument: Charles Darwin and the genesis of modern evolutionary thought*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

MONTESQUIEU, Charles. *De l'esprit des lois*, 2 Vols. Genève: Barrillot, 1748.

MORALES, Teresa & GARCÍA-BERROCAL, Javier: Hôtel-Dieu de Paris: reformas materiales, estructurales y funcionales entre los Siglos XII y XVIII. *Cultura de los cuidados* 36: 29-43, 2013.

NEWTON, Isaac. *The Mathematical Principles of Natural Philosophy* [1726], translated into English by Andrew Motte. New York: Daniel Adee, 1845.

NUTTON, Vivian. The rise of medicine. Pp. 52-81, in: PORTER, Roy (ed.). *The Cambridge illustrated History of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OSPOVAT, Don. *The development of Darwin's theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

RULLIÉRE, Roger. *Histoire de la Médecine*. Paris: Masson, 1981.

RUSE, Michael. *The Darwinian Revolution*. Chicago: Chicago University Press, 1979.

SMITH, Adam. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations* [1776]. London: Encyclopedia Britannica, 1952.

TOULMIN, Stephen. *Human understanding*, volume 1. Oxford: Clarendon press, 1972.

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –
[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Obra editada com apoio do EDITAL FAPERGS 06/2021 PROGRAMA DE REDES INOVADORAS DE TECNOLOGIAS ESTRATÉGICAS DO RIO GRANDE DO SUL – RITEs-RS. **Título:** Rede de Inteligência Artificial Ética e Segura – RAIES
Protocolo: 60222.671.50490.22122021



Série Filosofia – 164

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Foucault, subjetivação e sexualidade [livro eletrônico] / Nythamar de Oliveira, Camila Barbosa, Jair Tauchen, orgs. -- Porto Alegre, RS : Editora Fundação Fênix, 2024. --
(Série filosofia ; 164)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5460-208-2

1. Foucault, Michal (1926-1984) - Crítica e interpretação 2. Sexualidade - Filosofia
3. Subjetivação I. Oliveira, Nythamar de.
II. Barbosa, Camila. III. Tauchen, Jair. IV. Série.

24-245538

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:

1. Foucault, Michel : Filosofia francesa 194
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380
DOI - <https://doi.org/10.36592/9786554602082>